
**ENTRE ROMÂNTICOS: OS “ELOGIOS BIOGRÁFICOS” DE
RODRIGUES CORDEIRO A GONÇALVES DIAS,
ÁLVARES DE AZEVEDO E CASTRO ALVES**

Liaisons Romantiques: les Éloges de Rodrigues Cordeiro
à Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo et Castro Alves

Vania Pinheiro Chaves¹

RESUMO: Este ensaio examina e compara os três artigos em que António Xavier Rodrigues Cordeiro teceu elogios fúnebres a Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves. A leitura da vida e dos escritos desses três célebres poetas brasileiros realizada pelo estudioso português, assenta na concepção romântica do gênio martirizado e precocemente falecido. Ela revela também um juízo altamente favorável sobre cada um deles. Tais artigos constituem um marco importante na recepção da obra dos escritores homenageados, dado que o anuário luso-brasileiro atingia vasto público tanto em Portugal e nas suas colónias quanto no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; António Xavier Rodrigues Cordeiro; Gonçalves Dias; Álvares de Azevedo; Castro Alves.

RÉSUMÉ: Cet essai se propose à examiner et à comparer les articles où António Xavier Rodrigues Cordeiro fait l'éloge funèbre de Gonçalves Dias, d'Álvares de Azevedo et de Castro Alves. Le commentaire sur la vie et les écrits des trois grands poètes romantiques brésiliens, par le critique portugais, se base sur le concept du “génie martyrisé et précocement disparu”. Rodrigues Cordeiro émettant un jugement très favorable sur chacun d'entre-eux, ces articles constituent ainsi un important élément d'information sur la réception de l'œuvre de ces poètes. Rappelons que l'annuaire luso-brésilien où ils parurent avait un enorme public non seulement au Portugal et ses colonies, mais également au Brésil.

MOTS-CLÉS: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; António Xavier Rodrigues Cordeiro; Gonçalves Dias; Álvares de Azevedo; Castro Alves.

O poeta ultrarromântico português António Xavier Rodrigues Cordeiro² desempenhou papel da maior importância na história do

¹ Investigadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) e Professora Associada, aposentada, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

² Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, António Xavier Rodrigues Cordeiro (Cortes, 1819 – Lisboa, 1896) dedicou-se por inteiro ao jornalismo, à política e à literatura. Colaborou com artigos de natureza política e literária em diversos periódicos, entre os quais *O Bardo*, *O Panorama*, *A Revolução de Setembro*, a *Revista Académica de Coimbra*, a *Revista Universal Lisbonense*. Em 1844, fundou, com João de Lemos, o jornal *O Trovador*, órgão da

*Almanaque de Lembranças*³, fundado, em 1850, por Alexandre Magno de Castilho⁴, que lhe alargou o título para *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, em 1854. Convidado, em 1862, a partilhar a direção da coletânea com Alexandre Magno de Castilho⁵, sobrinho homônimo do fundador, Rodrigues Cordeiro passou a dirigi-la sozinho em 1872, devido à morte do companheiro. Sob a sua chefia, a coleção teve pela última vez o título ampliado para *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

No primeiro anuário da sua inteira responsabilidade, o poeta de *Esparsas* chama a atenção dos leitores para algumas mudanças que realizou com o objetivo de “dar mais do que até aqui e tornar esse livrinho mais variado, sem lhe aumentar o preço”, o que implicou inserir “mais matéria no mesmo número de folhas”. Esclarece ainda que “a parte literária e de recreação, conquanto contenha menos 16 páginas não vai menos desenvolvida que nos anos antecedentes” (*NALLB*, 1872, p. 14). Nada diz, contudo, a respeito da novidade mais significativa: a colocação no início do volume de um longo texto em que é delineado elogioso perfil humano e literário de Alexandre Magno de Castilho, seu parceiro falecido prematuramente aos 38 anos.

Precedido por um retrato do homenageado, o artigo assinado pelo próprio Cordeiro inaugurou o que se tornou a partir daí a seção de abertura do almanaque. De 1872 até o último volume destinado ao ano de 1932, a seção

juventude estudantil conimbricense da década de 1840 e um dos principais repositórios da poesia e do ideário da segunda geração romântica. Em 1854, fundou *O Leiriense*, no qual publicou crônicas históricas, coligidas depois nos dois volumes de *Leituras ao serão*. Em 1889, reuniu a sua poesia nos dois volumes de *Esparsas*. Várias vezes deputado às Cortes, sua atuação na política evidenciou-se também no combate à ditadura cabralista, na Revolta da Maria da Fonte (1846), na Guerra da Patuleia (1846-1847).

³ As transcrições extraídas de cada almanaque estão referenciadas com as iniciais do título que ele tinha no ano em causa: *AL*, *ALLB* e *NALLB*. A grafia “Almanaque”, que só aparece na coletânea em lugar de *Almanach* no volume destinado a 1921, foi aqui utilizada sempre que não corresponder a um volume em que ela não foi empregue. O mesmo ocorre com a grafia “*Luso-Brasileiro*”, inscrita nos volumes editados entre 1850 e 1862 e nos publicados a partir de 1919. Entre 1863 e 1918 escreveu-se “*Luso-Brasileiro*”, grafia mantida apenas na menção aos volumes em que aparece.

⁴ Intelectual prestigiado e de sólida cultura, Alexandre Magno de Castilho (1803-1860) era irmão do renomado escritor romântico António Feliciano de Castilho e do Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Matemático formado na Universidade de Coimbra, escritor e membro do Instituto Histórico de Paris, o fundador do *Almanaque de Lembranças* emigrou para a França devido à perseguição dos absolutistas e ali residiu algum tempo. Os três primeiros anuários da coletânea foram impressos na Typographie de M. Cerf (Paris/Sèvres).

⁵ Sucessor do fundador do *Almanaque de Lembranças*, Alexandre Magno de Castilho (1834-1871) era filho do Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Engenheiro hidrográfico, professor da Escola Naval e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi autor de inúmeras obras e organizador dum arquivo-biblioteca sobre os descobrimentos portugueses, para o qual reuniu vasta informação sobre a geografia, a flora, a fauna e a vida social das colônias de Portugal, à semelhança do que se encontra na coletânea em análise.

reúne 61 textos que se destacam dos demais em diversos aspectos, entre os quais o posicionamento nas primeiras páginas do anuário e a maior extensão. Revela também a sua particular importância, um anúncio colocado na folha de rosto em que eles são apresentados ora como “elogio biográfico” (13), “esboço biográfico” (10) ou “biografia” (23), ora como “elogio crítico-biográfico” (13) ou “esboço crítico-biográfico” (2) do português ou brasileiro glorificado. Nenhuma mulher mereceu, contudo, tal consagração, se bem que muitas tenham sido distinguidas com pequenas resenhas biobibliográficas e críticas nas páginas internas do “livrinho”.

À regra de homenagear anualmente uma só personalidade, em data mais ou menos próxima do seu óbito, fogem dois anuários: o destinado ao ano de 1896, que reúne Oliveira Martins e Pinheiro Chagas; e o para 1907, que junta Emídio Navarro e Mariano de Carvalho. Interessante, por sua vez, é o que ocorre no volume para o ano de 1913, cuja folha de rosto menciona a existência dum retrato e da biografia do falecido poeta brasileiro Raimundo Correia, quando, na verdade, inclui duas biografias mais sucintas: a de Araripe Júnior e a do Barão do Rio Branco. A reunião no mesmo artigo destes três renomados brasileiros é justificada pelo fato de eles terem falecido em 1911 ou 1912⁶, período considerado “lutuosa e funesto para a intelectualidade brasileira” (NALLB, 1913, p. 6). Para privilegiar o sonetista de “Mal secreto”, em detrimento do Barão do Rio Branco, o autor anônimo alegou a “categoria marcadamente literária ou artística dos vultos desta galeria liminar do *Lembranças*” (NALLB, 1913, p. 6); para o sobrepor a Araripe Júnior, cujos méritos críticos reconhece, o autor afirmou que “ninguém se atreverá a negar a superioridade” de Raimundo Correia, “um dos mais autênticos e admiráveis poetas de toda a literatura brasileira” (NALLB, 1913, p. 6).

Os artigos desta “galeria liminar” revelam, contudo, algumas diferenças nas suas dimensões, conteúdos e qualidade. No que concerne à extensão, há textos com menos de 10 páginas (8), outros com 10 a 20 (22), porém a metade deles (31) soma número maior de páginas, chegando a três (5) e quatro (2) dezenas. Com 47 páginas, o artigo maior presta homenagem fúnebre ao criador da seção, António Xavier Rodrigues Cordeiro (NLLB, 1898, p. V-LI), e foi redigido pelo seu sucessor, António Xavier de Sousa Cordeiro⁷; o menor, com apenas 6 páginas, foi publicado no último volume

⁶ Raimundo Correia falece em Paris a 13 de setembro de 1911, Araripe Júnior, no Rio de Janeiro, a 29 de outubro do mesmo ano, e o Barão do Rio Branco, também no Rio de Janeiro, a 10 de fevereiro de 1912.

⁷ Sobrinho de António Xavier Rodrigues Cordeiro, António Xavier de Sousa Cordeiro (Torres Novas, 1811-Ponta Delgada, 1903) foi levado pelo tio a colaborar no *Novo Almanaque*, em 1894, mas só foi apresentado como Secretário da Redação no volume para 1896, e como Diretor, no anuário para 1898. Por razões desconhecidas, entre 1901 e 1904, figura na folha de rosto como

da coleção, é dedicado a Hermes Fontes (*NLLB*, 1932, p. 5-10).

No que concerne ao conteúdo dos artigos dessa “galeria”, verifica-se a preponderância da biografia do homenageado, na qual estão, geralmente, enlaçadas referências, citações e comentários das suas obras. No entendimento comum da literatura como expressão da subjetividade, os autores valorizam a sinceridade, a originalidade e as belezas manifestas nos textos que mencionam, a par com a impressão e a emoção que despertam. Enaltecem, por outro lado, sua utilidade, função educativa e civilizadora, assim como sua patriótica intervenção política ou social. Avaliar a qualidade desse conjunto exige conhecimento profundo da vida e das obras dos 65 intelectuais portugueses e brasileiros celebrados, o que está para além dos objetivos deste ensaio.

Cumprido, no entanto, registrar a existência de textos que não cumprem a regra da apresentação biobibliográfica da(s) figura(s) que abordam. É o que acontece no artigo dedicado a Oliveira Martins e a Pinheiro Chagas (*NALLB*, 1896, p. 5-18), cujas biografias, afluídas comparativamente, não incluem elementos essenciais da trajetória de cada um deles e cujas obras são referidas *en passant*, malgrado o papel destacado que ambos desempenharam no Portugal da segunda metade do Oitocentos.

Mais grave é o que ocorre no anuário para 1932, cuja folha de rosto anuncia “o retrato e a biografia do falecido poeta brasileiro Hermes Fontes” (CARDOSO, 1931, p. 3), que se suicidou amargurado por ter apoiado a vitoriosa Revolução de 30, em dezembro de 1930. Redigido por Nuno Catarino Cardoso, o artigo não indica as datas de nascimento e morte do poeta, nem os aspectos mais significativos da sua existência; não menciona o título dos seus livros, nem comenta os seus poemas. No espaço destinado ao comentário e à transcrição dos escritos do homenageado, o autor copiou apenas quatro quadras de Hermes Fontes, sem indicar o poema a que pertencem. Em contrapartida, transcreveu poemas de Camões, Camilo Castelo Branco, Soares de Passos, Antero de Quental e José Duro. Tais procedimentos parecem indiciar que Nuno Catarino Cardoso desconhecia o escritor, compositor e jornalista brasileiro cujo elogio fúnebre, de fato, não chegou a compor.

A finalizar a sucinta apresentação do painel de grandes vultos criado por Rodrigues Cordeiro, é necessário frisar que ele foi seu mais produtivo redator, pois se ocupou da escrita dos 24 artigos editados no período em que dirigiu o *Lembranças*⁸, nos quais homenageou Alexandre

A. Xavier Cordeiro.

⁸ Assinaram posteriormente os artigos desta seção, pela ordem em que o fizeram: António Xavier de Sousa Cordeiro (6), Alberto Pimentel (2), José Leoni Palermo Faria (1), Armando de Lima Pereira (1), Manuel Múrias (1), Araújo Pereira e Nuno Catarino Cardoso (1). Intercalam-se entre eles 24 artigos anónimos.

Magno de Castilho (1872), Gonçalves Dias (1873), Luís Augusto Rebelo da Silva (1874), Soares de Passos (1875), Júlio Dinis (1876), António Feliciano de Castilho (1877), Álvares de Azevedo (1878), Alexandre Herculano (1879), José Feliciano de Castilho (1880), Guilherme Braga (1881), Castro Alves (1882), José Gomes Monteiro (1883), Manuel de Araújo Porto Alegre (1884), Gonçalves Crespo (1885), António da Silva Túlio (1886), Fagundes Varela (1887), Mendes Leal (1888), Joaquim Pinto de Campos (1889), José Bonifácio, o Moço (1890), Júlio César Machado (1891), João de Lemos (1892), Gomes de Amorim (1893), António da Costa (1894), Vilhena Barbosa (1895). No título desses escritos consta ora o nome do homenageado, ora o pseudônimo pelo qual ficou conhecido, ora o título de nobreza ou eclesiástico com que foi agraciado⁹. Ligeira ambiguidade para o leitor atual ocorre no título do artigo publicado no almanaque para 1890, em que não se faz o elogio fúnebre de José Bonifácio de Andrada e Silva, Patriarca da Independência, como indicado no título, mas o de José Bonifácio, o Moço – sobrinho, neto e homônimo do primeiro.

Na impossibilidade de examinar a totalidade dos “elogios biográficos” do fundador de *O Trovador*, optei pelo estudo comparado dos que ele dedicou a Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves¹⁰. Integrando um subconjunto de que fazem parte outros três poetas do Romantismo brasileiro – Manuel de Araújo Porto Alegre, Luís Nicolau Fagundes Varela e José Bonifácio, o Moço –, tais “elogios” deram continuidade ao propósito gizado pelo criador do *Almanaque de Lembranças* de construir “um nexo mais” entre portugueses e brasileiros, “fortifi[cando] os vínculos de sangue que mutuamente nos prendem” (*ALLB*, 1856, p. 27). No esforço de apresentação dessa plêiade brasileira aos leitores portugueses, António Xavier Rodrigues Cordeiro enfrentou dificuldades que podem, em certa medida, explicar a exígua presença de brasileiros na “galeria de grandes vultos” por ele criada.

A almejada luso-brasilidade do *Lembranças* explica, em parte, o fato de o perfil humano e poético de Gonçalves Dias ter sido delineado a seguir ao de Alexandre Magno de Castilho, embora o falecimento, em 1864, do escritor maranhense já distasse bastante da data em que foi editado o seu panegírico, incluído, como já foi referido, no anuário para 1873. O mesmo se

⁹ No almanaque para 1877, o artigo em causa intitula-se “Visconde de Castilho”; no destinado a 1889, “Monsenhor Joaquim Pinto de Campos”. Nos volumes para 1876 e 1884 os títulos são, pela mesma ordem: “Joaquim Guilherme Gomes Coelho (Júlio Dinis)” e “Barão de Santo Ângelo (Manuel de Araújo Porto-Alegre)”.

¹⁰ Sobre os “elogios” de Rodrigues Cordeiro aos dois primeiros publiquei o artigo “Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo: dois perfis românticos em destaque no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*” (CHAVES, 2015), que constitui ponto de partida do que sobre eles aqui se diz.

passou com a publicação dos “elogios” de Álvares de Azevedo e de Castro Alves: o primeiro, cujas exéquias transcorreram em 1852, foi celebrado no *Novo Almanaque* destinado a 1878; o segundo, falecido em 1871, no volume para 1882. Os artigos sobre três maiores poetas românticos do Brasil – precedidos, como era da praxe, pelo respectivo retrato – vêm anunciados na página de rosto do almanaque correspondente apenas como “elogio biográfico”, quando são, de fato, “elogios crítico-biográficos”, designação aplicada a outros textos da mesma seção.

A exiguidade de elementos biográficos, bibliográficos e críticos no “elogio” de Gonçalves Dias foi justificada pelo autor, que declarou não ter pretendido resumir a vida do homenageado, elencar todas as suas obras, assinalar sua recepção, e explicou qual era o seu propósito:

venho desenhar-lhe o perfil, venho a largos traços, socorrendo-me mais às suas tintas do que às minhas, dar-vos as feições do homem, cujo nome ocupa hoje tão distinto lugar na literatura brasileira, e cujo infausto, quanto prematuro fim, é ainda chorado por quantos o conheceram. (*NALLB*, 1873, p. 5)

E, de fato, não resume a vida do autor da “Canção do exílio”, procurando alicerçar o pouco que dela revela em fragmentos dos seus poemas e da sua correspondência. Interesse especial têm as informações provenientes do seu conhecimento direto de Gonçalves Dias, pois recorda ter com ele convivido no período em que ambos estudaram na Universidade de Coimbra:

Encontramo-nos em Coimbra, onde ele ainda me deixou. Foi meu contemporâneo, meu colega e meu amigo. [...] Parece que o estou vendo. António Gonçalves Dias era baixo, delgado, enérgico, vivo, franco, afoito, leal e amigo. (*NALLB*, 1873, p. 5)

Na citação, juntam-se detalhes da observação de traços físicos do amigo com interpretações subjetivas da sua psicologia, o que era a matéria preferencial do artigo. Noutra passagem, Cordeiro aflora problemas de saúde do criador de “Marabá” e sublinha que se entristeceu quando o reviu, tempos depois, e constatou a sua deplorável condição física: “Encontrei-o em Lisboa em 1864, e o seu estado contristou-me, a afonia era já completa” (*NALLB*, 1873, p. 5).

O poeta ultrarromântico português construiu um perfil igualmente romântico de Gonçalves Dias, no qual prepondera a ideia de que sua existência foi marcada pela má sorte e pelo sofrimento. Para fundamentar o entendimento de que o infortúnio acompanhou a trajetória

do confrade, transcreveu os seguintes versos do poema “Adeus”¹¹:

força oculta,
irresistível, me persegue e impele.
Qual folha instável em ventoso estio,
do vento ao sopro a esvoaçar sem custo,
assim vou eu sem tino, aqui pegadas
mal firmes assentando, além pedaços
de mim mesmo deixando.
(NALLB, 1873, p. 9)

Para corroborar a tese de que a dor marcou-lhe toda a existência, cita um fragmento da carta que Gonçalves Dias escreveu a Alexandre Teófilo¹², em 1845:

Triste foi a minha vida em Coimbra, que é triste viver fora da pátria, subir os degraus alheios e sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de bons e fiéis amigos; embora! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo. Mas ser desconhecido, ou mal conhecido, mas sentir dores d’alma e viver de tomentos como aqui [em Caxias, sua terra natal], é mais triste ainda.¹³
(NALLB, 1873, p. 7)

Convicto de que a origem bastarda era a geradora da infelicidade do amigo, chama a atenção para seu forçado afastamento da mãe, para a perda do pai e dos meios de subsistência necessários à realização dos estudos na Universidade de Coimbra. Enlaça a última afirmação em versos que rememoram a situação de extrema penúria que o obrigou a recorrer a um agiota em Coimbra:

Ah! Que se eu não quebrei naquele instante
a minha harpa, inda então desconhecida,
foi porque inda queria confessar-te,
ó meu Deus – que foi grande o teu castigo;
foi porque inda queria ao mundo inteiro
por mor vergonha minha confessar-me

¹¹ Este poema, dedicado “Aos meus amigos do Maranhão”, foi publicado em *Primeiros cantos* (1847).

¹² Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, natural do Maranhão, formou-se em Matemática pela Universidade de Coimbra, onde conviveu com Gonçalves Dias, de quem era o melhor amigo.

¹³ Difere ligeiramente deste fragmento o texto editado pela Aguilar (DIAS, 1959, p. 799).

baixo, infame e vil quando essa escada
do avarento subi! ... que não esmola,
mas um favor pedindo!¹⁴
(*NALLB*, 1873, p. 8)

Sem indicar o poema a que estes versos pertencem¹⁵, relacionou-os com um triste episódio do período coimbrão de Gonçalves Dias, quando, para “tirar a carta de bacharel, mas achando-se sem meios para estas despesas extraordinárias”, ele teve de vender “a sua escolhida e não pequena livraria, para não a tornar a ver, porque debalde procurou depois resgatá-la” (*NALLB*, 1873, p. 8).

Acreditando que o auge da dor sentida por Gonçalves Dias tinha por fulcro um amor que “foi a sua felicidade, a sua loucura e a sua desgraça”, Cordeiro deduz que ele morreu por estar subjugado a um afeto que “tocava as raias da insensatez”, visto que tudo fez para abreviar a sua vida (*NALLB*, 1873, p. 10). Omite, porém, o nome da mulher “que teve tal influência na sua vida, que desde que a conheceu foi única e inteiro se lhe voltou” (*NALLB*, 1873, p. 10), mas copia fragmentos de poemas gonçalvinos com que intenta defender o seu ponto de vista, entre os quais o famoso “Ainda uma vez – adeus!”.

Não deixa, contudo, de mencionar outros antecedentes e peripécias que envolveram a morte do confrade, trazendo à baila o fato grotesco de seu óbito ter sido erroneamente divulgado dois anos antes de ocorrer. Acrescenta que a sua morte se deveu à incúria da tripulação do navio em que viajava, a qual escapara apressadamente do naufrágio, abandonando-o na sua cabine. Lamentando a tragédia, Rodrigues Cordeiro quebra a distância que o separava do homenageado e se dirige abertamente a ele com palavras impregnadas de emoção:

Mísero! Como seria aflitiva a tua última hora! Morrestes [sic] nas águas do teu Maranhão, sufocado por elas, mas não tornastes [sic] a ver os que te eram caros. (*NALLB*, 1873, p. 14).

Completa esta triste história com a afirmação de que Gonçalves Dias tinha pressentimentos relacionados a sua morte e embasou tal parecer

¹⁴ Estrofe final de “Orgulho e avareza”, poema que está incluído em *Versos póstumos* e que aparece, na edição da Aguilar, com a seguinte anotação: “Pitões – 5 de novembro de 1844”.

¹⁵ Os versos transcritos pertencem à última estrofe de “Orgulho e avareza”, poema publicado em *Versos póstumos*, que, na edição da Aguilar, aparece com a seguinte anotação: “Pitões – 5 de novembro de 1844”. Pitões é uma aldeia portuguesa situada no município de Montalegre (Vila Real).

noutros fragmentos dos seus poemas.

Apesar de explicar a generosidade característica do épico d’*Os Timbiras* como produto da mestiçagem, visto correr-lhe nas veias o “sangue das três raças – europeia, indiática e africana” (NALLB, 1873, p. 5), aproximando-se, pelo menos nesse aspecto, da teoria determinista em voga, não resta dúvida de que António Xavier Rodrigues Cordeiro é um representante epigônico do pensamento romântico, dado que vê na poesia de Gonçalves Dias a recriação de suas vivências, sentimentos e psicologia. Daí que ele tenha privilegiado os aspectos da vida do poeta que lhe permitiram esboçar o retrato dum indivíduo martirizado e precocemente falecido.

Em conformidade também com a concepção romântica do artista como gênio, Cordeiro defende que Gonçalves Dias possuía talento inato. Neste sentido, refere que o pai o destinara à carreira comercial, mas que, tendo o filho revelado “tais dotes de inteligência precoce”, permitiu-lhe continuar a estudar. Menciona ainda que, depois de ingressar na Universidade de Coimbra, ele se colocou “entre os melhores de seu curso, emprega[ndo] as horas que lhe sobravam do estudo jurídico em aprender o italiano, o inglês, e até por fim o alemão, para se deleitar com as obras-primas da literatura europeia” (NALLB, 1873, p. 7).

Do interesse pela literatura manifestado em Coimbra pelo mais famoso poeta do indianismo brasileiro, António Xavier anotou sua ligação ao grupo d’*O Trovador*, jornal de poesia romântica fundado por estudantes da Universidade coimbrã, entre os quais ele mesmo, e justificou a publicação de apenas um poema de Gonçalves Dias nesse periódico pelo fato de seu lançamento ter ocorrido quando ele estava de partida. Assegurou, contudo, que o amigo já era um poeta “primoroso” e de que foi em Portugal que “escreveu a maior parte dos versos que depois publicou no Brasil” (NALLB, 1873, p. 8). O artigo finaliza com uma apreciação altamente positiva da poesia do homenageado, cujo nome vê inscrito “em lâminas d’ouro [...], ao lado dos de José Basílio da Gama, José de Santa Rita Durão e de Antônio Pereira Caldas” (NALLB, 1873, p. 8).

O exame do “elogio biográfico” de Gonçalves Dias patenteia que seu autor visava enaltecê-lo, pondo em relevo aspectos significativos da sua vida e obra, mas que não analisou pormenorizadamente qualquer poema, nem comentou o conjunto dos seus livros. Valeu-se de citações de seus escritos por entender que a literatura reflete a realidade e que o poeta da “Canção do exílio” inscreveu sua autobiografia nos versos que compôs. O texto revela também que o autor não buscou a objetividade, nem a imparcialidade que António Xavier de Sousa Cordeiro (NALLB, 1898, p. V-LI), seu sucessor na redação dos artigos da mesma seção, considerava difíceis de alcançar quando se escreve sobre alguém a quem se está afetivamente ligado. Na linha das reflexões de Sousa Cordeiro, é possível, no entanto, pensar que Rodrigues

Cordeiro teria chegado à “verdade dos factos”, por ter privado durante alguns anos com Gonçalves Dias, mas quando aquilatoou as suas “qualidades de espírito e de coração”, tendeu a obedecer às “sugestões da amizade e da simpatia” (*NALLB*, 1898, p. V).

Embora a relação do autor com o homenageado diferencie o “elogio biográfico” de Gonçalves Dias dos artigos sobre Álvares de Azevedo e Castro Alves – posto que Rodrigues Cordeiro não os conheceu pessoalmente –, os três se ligam, enquanto manifestação de um epigônico pensamento romântico.

Bem mais extenso que o artigo sobre Gonçalves Dias (9 páginas), o de Álvares de Azevedo (16 páginas) é o sétimo redigido pelo biógrafo português, o que indicia – a par com a pretendida luso-brasilidade do almanaque – o interesse que a “galeria de grandes vultos” estaria despertando nos leitores, assim como o empenho do autor no sentido de consolidar a sua prática. Não tendo contactado pessoalmente com Manuel Antônio Álvares de Azevedo, Rodrigues Cordeiro explica ter obtido vasta informação sobre sua vida e sua obra no convívio com “um mancebo, seu parente” (*NALLB*, 1878, p. 3), cujo nome omitiu, assim como na “notícia” que Joaquim Norberto¹⁶ publicou sobre ele. No entanto, a apreciação que fez do mais aplaudido poeta da segunda geração do Romantismo brasileiro parece assentar sobretudo na leitura de suas cartas e de seus textos poéticos, ficcionais e dramáticos. Este conjunto de saberes abriu caminho para a especial atenção que dedicou à composição do perfil do autor da *Lira dos vinte anos*, cujo desenho, alicerçado na sua visão romântica da criação poética, busca demonstrar com o comentário e a citação de textos do biografado.

Abre o artigo breve cena do nascimento de uma criança não nomeada, mas prognosticada como “um estudante! [...] um privilegiado do céu, um poeta de que o Brasil há de orgulhar-se, um filho ilustre que a ilustre cidade de S. Paulo há de vir a inscrever nos anais das suas indisputáveis glórias” (*NALLB*, 1878, p. 3). A existência deste “privilegiado” teria, contudo, ficado marcada, já na infância, por imensa dor, o que assemelha a sua biografia à de Gonçalves Dias. Individualiza-a, porém, a percepção de que a origem do sofrimento de Álvares de Azevedo dever-se-ia à morte de um irmãozinho, considerada pelo autor “o germen de enfermidade que tão cedo o havia de arrebatar ao mundo” (*NALLB*, 1878, p. 3). O que, sendo um traço marcante do pensamento romântico, talvez fosse uma novidade na interpretação do sucedido ao escritor paulista falecido antes de completar 21 anos.

Na abordagem da formação escolar de Maneco – apelido familiar

¹⁶ O texto de Joaquim Norberto lido por Cordeiro é possivelmente o que acompanha as obras de Álvares de Azevedo que editou. Ver AZEVEDO, 1873, vol. 1.

de Álvares de Azevedo –, Rodrigues Cordeiro adota a concepção romântica do artista como gênio (também presente no artigo sobre Gonçalves Dias), ao salientar “a rapidez vertiginosa” com que ele ultrapassou seus companheiros no Colégio Stoll, “surpreendendo a todos com os prodígios da sua inteligência” (NALLB, 1878, p. 4). Sustenta este ponto de vista com a transcrição de fragmentos duma carta de M. Stoll ao pai de Maneco, em que o diretor da escola que o menino frequentava profetiza que ele teria um futuro glorioso.

Passando aos tempos em que Álvares de Azevedo frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo, frisa que ele possuía espírito penetrante, enorme capacidade intelectual, grande erudição e conhecimento das “línguas da Europa culta e [d]os seus principais escritores” (NALLB, 1878, p. 10). Alonga-se na descrição dos desregramentos que marcaram esse período também romantizado da sua existência e exemplifica-o com a informação de que o jovem estudante era membro da Sociedade Epicureia, fundada em 1845 por colegas da faculdade que procuravam vivenciar fantasiosos excessos, inspirados em Byron. Nesse sentido, toma como reais os devaneios narrados em *Noite na taverna*, de que copia um fragmento. Destaca entre os males que então minaram a saúde de Álvares de Azevedo o abuso do *cognac*, mas rejeita a opinião de Joaquim Norberto que o atribuía ao desejo romântico de imitar Byron e Musset, considerando diferentemente que ele “Bebia para se esquecer do que sofria tanto física como moralmente” (NALLB, 1878, p. 10).

À semelhança do que escreveu a respeito de Gonçalves Dias, Cordeiro afirma que Álvares de Azevedo “estava condenado a morrer novo” e observa que “o desalento, os pressentimentos do próximo fim, os queixumes, a saudade da vida, estão espalhados em muitos dos seus versos, na prosa do drama *Macário*, nas cartas ao seu amigo o sr. Dr. Luís Antônio da Silva” (NALLB, 1878, p. 16). Tal como no “elogio biográfico” do poeta maranhense, pintou um quadro romântico dos últimos momentos do jovem paulista – talvez ainda mais trágicos – e ao qual não faltava o mau augúrio: o sonho que meses antes inquietara a sua mãe.

Fiel à noção da literatura como reflexo da vida e da personalidade do escritor, o crítico português buscou nos textos de Álvares de Azevedo sinais que comprovassem seus pontos de vista. Na desordem do leito e na profusão de roupas, retratos e livros espalhados pela “sala antiga” do sujeito lírico de “Ideias íntimas”, revê o quarto do poeta-estudante em São Paulo e sustenta que ele “se descreve, e [que] poucos escritores deixam de si tantos elementos para poderem ser avaliados com verdade” (NALLB, 1878, p. 16). Aponta, por sua vez, que, em cartas a Silva Nunes, Álvares de Azevedo contou que conhecera duas lindas mulheres, mas que não conseguiu satisfazer sua necessidade de amar, apoiando o que diz em fragmentos dos seus poemas amorosos. Se bem que enlace o factual e a criação poética

azevediana, o artigo não explica o que originou esse paradoxo, que só no século seguinte foi identificado por Mário de Andrade – numa excelente análise da psicologia do jovem escritor¹⁷ – como “medo de amar”.

Reportando que Álvares de Azevedo confessou ao mesmo amigo que à sua “febre de trabalho”, à sua “agitação de espírito”, sucedia por vezes um “marasmo invencível” (NALLB, 1878, p. 6), o crítico português assinala a profunda contradição do seu espírito e o dualismo marcante da sua obra, posicionando-se entre os primeiros que os captaram. Sujeita novamente a criação ao criador, ao afirmar que ele “era o poeta dos gorjeios, das noites plácidas, das flores, do luar, da aurora ridente, dos castos amores, de todos os grandes afetos”, mas também que o Macário “tinha a incontinência na alma, como a cisterna tem o lodo no fundo” (NALLB, 1878, p. 13) pois, como o próprio o dissera, tentou “nodoar na orgia / Os sonhos de poeta”¹⁸.

Ao identificar, no conjunto da obra azevediana, “a mistura da sensibilidade e da ironia, da frivolidade e da profundez, da delicadeza e da força, da graça e do sarcasmo” (NALLB, 1878, p. 15), Rodrigues Cordeiro vê em Álvares de Azevedo – quiçá precursoramente – um humorista e elogia o poema “Spleen e Charutos”, em que o reconhece. Comparando o poeta brasileiro a Heine, anota que ele brincou com a morte em “Poeta moribundo”, escondendo “as lágrimas debaixo daquelas mostras de rir zombeteiro” (NALLB, 1878, p. 16), juízo que comprova o tipo de crítica impressionista e subjetiva produzida no artigo. Equiparando-o, por sua vez, a Luciano e a Petrônio, considera que a soltura das frases e a expressão desbragada de *Macário* ou de *Noite na taberna* assemelham esses textos mais a obras da Antiguidade que as do seu tempo.

Embora reconheça o talento de Álvares de Azevedo, o crítico português não o isenta de defeitos. Condena-o por não limar seus versos, nem burilar sua prosa. Argumenta que a prensa com que compunha não acompanhava seu pensamento e tornava alguns de seus textos incompreensíveis. Transcreve versos que considera “desleixadíssimos” ou de “mau gosto” e fragmentos de prosa marcados pelo “atropelamento de ideias” ou por “desordenada erudição”, porém, desculpa tais falhas por se manifestarem em obras de estreia e por não ter sido ele a escolher o que publicar. Predominam, contudo, no artigo citações de composições elogiadas, o que permitiu ao crítico exclamar: “que joias de inexcedível valor, que deliciosas e irrepreensíveis estâncias se não acham espalhadas por todas as suas obras” (NALLB, 1878, p. 6).

Publicado no *Novo Almanak de Lembranças Luso-Brazileiro para*

¹⁷ Ver “Amor e medo” (ANDRADE, s/d., p. 199-229).

¹⁸ Versos do poema “12 de setembro”, não indicado no artigo e publicado na III parte de *Lira dos vinte anos*.

o anno de 1882, o “elogio biográfico” de Castro Alves – falecido dez anos antes, com apenas 24 anos – distingue-se dos dois anteriores, nos quais ficou patente que Cordeiro conhecia aspectos fundamentais da vida de Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, bem como um conjunto avultado de seus escritos, o que lhe permitiu formular um juízo pessoal acerca dos méritos e deficiências de cada um. Em contrapartida, no artigo sobre o poeta baiano – de extensão igual ao do paulista (16 páginas) –, o autor anuncia à partida que lhe faltaram elementos essenciais para esboçar a sua biografia, bem como para divulgar e comentar a sua já renomada poesia. O texto inicia com um recurso estilístico – uma frase interrompida – que sugere uma primeira dificuldade:

No dia... Num dos dias de março de 1847, na cidade de São Salvador da Bahia, e filho dum distinto médico, Antônio José Alves, nasceu Antônio de Castro Alves. Depois de feitos os estudos preparatórios matriculou-se na Faculdade de Direito de Pernambuco, em 1864, donde depois mudou, para seguir o mesmo curso, para a de São Paulo.
(*NALLB*, 1882, p. VII)

Os problemas enfrentados pelo autor na coleta de dados são enunciados na extensa nota de rodapé apensa àquela frase truncada:

Não sabemos o dia em que o poeta nasceu. Custa dizê-lo, mas ao encetar este esboço biográfico nunca nos vimos tão pobres de elementos para o levar ao fim, como este ano. Escrevemos em tempo, e ainda ultimamente pelo pacote de 13 de março último, apelando para a boa vontade de cavalheiros em quem supúnhamos, com bom fundamento, desejos de nos obsequiar [...] dirigimo-nos à direção do *Grêmio Castro Alves*; pedimos o retrato, o *fac-simile*, versos, apontamentos biográficos, tudo o que nos pudesse servir, ou fosse conducente para levar a cabo o nosso propósito, e nada! Ou as nossas cartas não chegaram ao seu destino, ou se perderam as respostas que tiveram, porque nenhuma nos veio à mão.
(*NALLB*, 1882, p. VII)

O editor do *Novo Almanaque* não se esquece, porém, de agradecer àqueles que lhe facultaram elementos sem os quais o artigo não seria o que é:

Só ao Sr. Dr. Antônio Henriques Leal¹⁹ devemos o favor do retrato, e se não 108ora devemos também ao obséquio do ilustrado autor do volume *Lirismo brasileiro*²⁰, o Sr. José Antônio de Freitas, residente em Lisboa, em número do *Novo Mundo*, periódico brasileiro impresso em New York²¹, em que vem a notícia de morte de Castro Alves, acompanhada de pouquíssimos dados biográficos, nem sequer saberíamos o seu nome de batismo!

Além destes dois cavalheiros devemos também prestar os nossos agradecimentos aos Srs. Drs. Antônio Augusto de Carvalho Monteiro, Francisco Ferraz de Macedo, e Paulo Porto Alegre, Cônsul do Brasil em Lisboa, pelos desejos que manifestaram de nos serem aqui úteis e pelos esforços que empregaram para o conseguir.

(*NALLB*, 1882, p. VII)

A essas fontes acrescem as que ele mesmo terá encontrado, posto que reprovou a ausência do nome do criador do “Navio Negreiro” no Suplemento ao *Dicionário Bibliográfico*, de Inocêncio Francisco da Silva, “publicado em 1867, quando já Castro Alves era conhecido como poeta”, e no “*Ano biográfico brasileiro* do Dr. Manuel de Macedo, publicado em 1876, em que estão arquivadas dia a dia as glórias da pátria” (*NALLB*, 1882, p. VII).

Malgrado a alegada falta de notícias sobre a vida de Antônio Frederico de Castro Alves, Rodrigues Cordeiro revela significativo conhecimento da sua biografia e começa a demonstrá-lo no próprio parágrafo de abertura acima transcrito, no qual são mencionados o nome e profissão de seu pai, a data do seu nascimento e a cidade onde veio ao mundo. Na última indicação há, todavia, um erro, pois Antônio Frederico não nasceu em Salvador, e sim na fazenda Cabeceiras (Comarca de Cachoeira), também situada no estado da Bahia. Este engano indicia que a sua informação não assenta sempre em documentação histórica fidedigna, nem o poderia, porque a maior parte dos documentos atualmente disponíveis não tinha sido recolhida.

¹⁹ Nascido no Maranhão, em 1828, o médico Antônio Henriques Leal foi um renomado escritor, crítico e historiador. Além das *Obras Póstumas de A. Gonçalves Dias* (1873), destacam-se entre suas publicações os quatro tomos do *Pantheon maranhense* (1873-75) e os dois dos *Apontamentos para a história dos jesuítas no Brasil* (1874).

²⁰ José Antônio de Freitas. *O lirismo brasileiro*. Estudos críticos sobre a literatura do Brasil, vol 1. Lisboa, Tip. Das Horas Românticas, 1877.

²¹ Intitulado “Castro Alves”, este artigo anônimo foi publicado a 24 de setembro de 1871, em *O Novo Mundo: Periódico Ilustrado do Progresso da Edade*. Nova Iorque (EUA), p. 180 e 182.

O biógrafo português confessou nada saber sobre a infância e a educação de Castro Alves, mas assume que a sua mãe “foi seguramente quem o guiou nos primeiros passos que deu no mundo, e talvez lhe formou a alma” (NALLB, 1882, p. XV), o que pode não corresponder à realidade, mas diz muito sobre a visão de mundo tipicamente romântica do autor. Admite também desconhecer os primeiros mestres do menino, mas apresenta alguns dados sobre sua formação posterior: a matrícula na Faculdade de Direito do Recife, em 1864, o prosseguimento dos estudos em São Paulo. Embora lamentavelmente não saber se os teria concluído, considera que estava “aberto o campo das suas glórias” (NALLB, 1882, p. VII) e que, na capital paulista, ele passou “os mais aproveitados e perdidos anos de vida” (NALLB, 1882, p. VIII). Sustenta ainda que São Paulo era a “terra das suas mais vivas recordações, terra dos seus folguedos e dos seus amores” (NALLB, 1882, p. VII-VIII). Tal assertiva não corresponde exatamente ao que hoje se sabe da vida afetiva e aventureira de Castro Alves, mas dá azo a uma digressão sobre seus companheiros e modelos, e permite trazer à colação escritores que diriam, sem dúvida, muito à alma romântica do biógrafo:

Nessa terra onde Álvares de Azevedo, e tantos têm devaneado, devaneara ele seguindo a mesma escola. Eia! Para as almas ardentes, para os sequiosos de comoções não há nada como seguir a esteira de Espronceda, ler pelo catecismo de Byron, imitar em tudo Alfredo de Musset e Henri Heine. Em S. Paulo Cubtecheck²², o autor do poemeto *Eurico*, e João... o pardinho mineiro²³, tão poeta lírico como ele, morto há pouco, segundo nos dizem, eram os companheiros, os inseparáveis, os íntimos amigos de Castro Alves, o seu semideus. (NALLB, 1882, p. VIII)

Passando ao regresso de Castro Alves à Bahia, em 1870, e à publicação no estado natal de *Espumas flutuantes*, anota que àquela data ele “chorava a morte de um irmão, e já não tinha pai, nem mãe” (NALLB, 1882, p. XVII e XVI) e indica que a obra foi dedicada à memória dos três falecidos. Para comprovar sua amarga solidão, copia o seguinte fragmento do poema inicial da coletânea:

Pobre órfão! Vagando nos espaços

²² No artigo, por gralha, está “Cubtecheck”. O autor do poema “Eurico” é João Nepomuceno Kubitschek, mineiro nascido em 1843, em Diamantina, e falecido de pneumonia em 1899, em Belo Horizonte.

²³ João, o pardinho mineiro, será o mesmo João Nepomuceno, filho do imigrante tcheco João Kubitschek e da brasileira Teresa Maria de Jesus? Seria a sua mãe mestiça?

Embalde às solidões mandas um grito!
Que importa? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao mísero precito...
Os túmulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro aflito...
Vai, pois, meu livro! e como um louro²⁴ agreste
Traz-me no bico um ramo de cipreste!
(*NALLB*, 1882, p. XVI-XVII)

Como se repetiu em boa parte das citações de versos castralvinos, o escritor português não indica o título deste poema (“Dedicatória”), no que não diferia dos seus contemporâneos, posto que a boa prática das referências bibliográficas completas e rigorosas só muito depois se tornou habitual.

De um artigo publicado em 1871, no jornal *O Novo Mundo*²⁵, Rodrigues Cordeiro extraiu a notícia de que o falecimento do poeta baiano se deveu a um desastre que causou primeiro a amputação dum pé e depois a longa moléstia que culminou na sua morte. Admitindo que esse acidente poderia ter-lhe abreviado a existência, opina contudo que aos “dezesete anos já uma voz íntima lhe segredava que a vida lhe seria breve” (*NALLB*, 1882, p. XVIII) e sustenta tal afirmação nos seguintes versos²⁶ de “Mocidade e morte”, título que entretanto omite:

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida:
Triste Ahasverus que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.
Sou o cipreste qu’inda mesmo flóriodo
Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo que vaga sobre o chão da morte,
Morto entre os vivos a vagar na terra.
Do sepulcro escutando triste grito,
Sempre, sempre bradando-me: maldito!
(*NALLB*, 1882, p. XVIII)

²⁴ Substituí “salgueiro”, que consta no artigo, por “louro” (sinônimo de “papagaio”), mas destrói a métrica do verso e não vem na edição consultada de *Espumas flutuantes*. Além disso, a menção a uma árvore não faz sentido na estrofe e não deverá estar na edição *princeps*, que não foi possível consultar.

²⁵ Anônimo, este artigo intitulado “Castro Alves” foi publicado em *O Novo Mundo: Periódico Ilustrado do Progresso daidade*, Nova Iorque (EUA), 1871, vol I, nº 12, p. 180 e 182.

²⁶ Na edição de Eugênio Gomes, o fragmento transcrito é formado por uma oitava seguida por um dístico.

Os apontamentos sobre a vida de Castro Alves redigidos por Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro revelam que ele não visava – tal como nos de Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo – apresentar um resumo da sua biografia e sim glorificá-lo. Este objetivo e a composição do perfil humano do poeta com base nos seus próprios escritos – abundantemente copiados e interpretados – repetem uma prática característica do estudioso português e confirmam seu alinhamento com a crítica coeva, que via na literatura a expressão das vivências, sentimentos e ideias dos escritores.

Assim sendo, ele se valeu dum fragmento do Prólogo de *Espumas flutuantes* – “Só e triste, encostado à borda do navio, eu seguia com os olhos aquele esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se à forma vacilante das montanhas – derradeiras atalaias dos meus arraiais de mocidade” (NALLB, 1882, p. VIII) – para sustentar que “a melancolia e a tristeza eram deusas dos seus cantos” (NALLB, 1882, p. XVIII), o que se esforçou para demonstrar, socorrendo-se das próprias tintas do escritor. Convicto, por sua vez, de que a premonição da morte prematura teria marcado a breve existência de Castro Alves, copia versos de um poema cujo título – “Quando eu morrer...” –, caso tivesse sido mencionado, apoiaria sua tese. Anota ainda que o poema foi escrito em São Paulo, em 1869, quando o poeta, “crendo-se à beira da sepultura, e receando repousar em terra estranha, lembra-se do ninho da sua infância” (NALLB, 1882, p. XVII). Infere por fim que “a pátria era para ele a terra da promessa” e que morria porque ali “não tinha um seio que lhe desse calor” (NALLB, 1882, p. XVII).

Alinhado com a concepção romântica de “gênio”, o crítico considera a criação poética do autor de *Espumas flutuantes* produto espontâneo da sua inspiração e talento:

Improvisar, escrever versos no primeiro bocado de papel que se lhes deparava, com a garrafa de aguardente ou de *cognac* – musa inspiradora – sempre ao lado; deitá-los para o fundo dum caixa, esquecer-los aí, ou rasgá-los no dia seguinte, para os substituir por outros [...] e a par disto as paixões, os amores que enervam, não fazendo deles gala, nem ostentando-os a vistas curiosas.
(NALLB, 1882, p. VIII).

Entendendo que Castro Alves possuía uma “alma ardente” e vivia “sequioso de comoções”, deduziu que ele seguia Espronceda²⁷, Byron, Alfred de Musset e Heine. Completa o seu pensamento com a afirmação –

²⁷ José Ignacio Javier Oriol Encarnación de Espronceda Delgado (1808-1842), escritor do primeiro período do romantismo espanhol.

sustentada pela citação duma quadra de “É tarde” – de que as paixões lhe encurtaram a vida e que o próprio poeta teria consciência do que se passava. Este raciocínio o leva a concluir que o poeta baiano “não era mau senão para si mesmo”, pois “tinha uma alma d’ouro, um coração condoído a todas as dores” (NALLB, 1882, p. X). Assim o retrato psicológico que dele pintou é, como o de Álvares de Azevedo, dual.

Atento à vertente intimista da poesia castralvina, o crítico português destaca a temática das paixões, em geral infelizes, dos desregramentos destruidores, da solidão, do sentimento religioso, e a presença obsessiva da morte. Ao abordar, por exemplo, o tema amoroso, transcreve e comenta fragmentos dos sete sonetos que integram o poema “Os anjos da meia-noite”, cada um deles correspondendo à “sombra” de uma amada do eu lírico. Acreditando que na gênese de cada uma delas estaria uma mulher real, não as indicou, sem dúvida porque ignorava quais foram as amadas de Castro Alves, embora, pelo menos uma delas – a atriz portuguesa Eugénia Câmara – fosse do conhecimento de todos, tendo a relação conflituosa de ambos sido publicamente escandalosa. A grande importância que o crítico atribui ao tema da morte advém certamente do entendimento de que o poeta era atraído por ela²⁸, o que buscou confirmar com a transcrição de versos de numerosos poemas, num dos quais o eu lírico se define como “D. Juan da morte”²⁹.

Para Rodrigues Cordeiro, a outra face do poeta – o seu lado “bom” – manifestava-se sobretudo na defesa dos escravos. No artigo do jornal nova-iorquino encontra a prova de que ele escrevera uma carta às senhoras baianas solicitando seu apoio à causa da Abolição e de que trabalhara desde muito jovem pela emancipação dos escravizados. Manifestando o seu próprio sentimento em relação ao horror da escravidão, o crítico apontou o papel relevante desempenhado por Castro Alves na luta contra ela:

Os escravos, os deserdados do céu, os párias, os misérrimos, os pobres que não têm pátria, os tristes, filhos do deserto, que não têm liberdade, eram os seus clientes; e ele, o poeta em cuja alma todos os grandes infortúnios achavam eco – O seu patrono. (NALLB, 1882, p. XI)

Não estando publicado o volume intitulado *Os escravos*³⁰ quando

²⁸ A morte é motivo central de grande parte dos fragmentos copiados ou mesmo do poema de que foram extraídos: “8ª sombra” (“Os anjos da meia-noite”); “Quem dá aos pobres empresta a Deus”; “Jesuítas”; “Mocidade e morte”; “Quando eu morrer”; “É tarde”; “*Coup d’étrier*”.

²⁹ Esta expressão aparece no verso 3 da segunda quadra de “A volta da primavera”, transcrita no artigo.

³⁰ A primeira edição de *Os escravos* foi lançada em 1883, no Rio de Janeiro, pela Tipografia da

Cordeiro escreveu este “elogio biográfico”, é certo que ele conhecia os dois mais famosos poemas abolicionistas de Castro Alves – “Vozes d’África” e “Navio negreiro”³¹ –, pois os louva, cita e comenta. No longo fragmento do primeiro que transcreveu e comentou, encontra “algumas das suas brilhantes estrofes, que são um doloroso queixume a favor do escravo” (NALLB, 1882, p. XI).

Outras facetas da vocação libertária e das “ideias avançadas” do poeta dos escravos são igualmente valorizadas e comentadas pelo crítico. Definindo Castro Alves como “um radical em política, um estudante do seu tempo”, sustenta que ele “se opunha a todas as opressões e propugnava a favor de todas as liberdades” (NALLB, 1882, p. XIII). Em apoio a estas ideias, cita um fragmento do poema “A Maciel Pinheiro”³², que, em seu entender, era “um destes moços, que simbolizam o entusiasmo, a coragem, a independência e o talento nas academias” (NALLB, 1882, p. XIII). Com a mesma finalidade, copia e comenta algumas estrofes de “Pedro Ivo”³³, chamando ainda a atenção para o fato de no poema ter sido dada a palavra ao herói da Revolução Praieira. Refere que, na altura em que o escreveu, Castro Alves residia em Pernambuco e, “estremecendo, lembrava-se não só da Revolução de 1824 como das cruelíssimas sentenças que em 1817 se cominaram contra desgraçados que não tinham outro crime senão amor à liberdade e pugnar por ela” (NALLB, 1882, p. XIV). Dando livre curso ao seu próprio pensamento libertário, relaciona tais acontecimentos a outro semelhante ocorrido no mesmo ano, em Portugal: “o segundo ato do tenebroso drama, enforcando o general Gomes Freire [...] e justificando as outras vítimas do nefando processo” (NALLB, 1882, p. XIV).

Entendendo, por sua vez, que a “verdade” era para Castro Alves questão de suprema importância, Rodrigues Cordeiro assinala que ele teve a coragem de apresentar os padres da Companhia de Jesus como “apóstolos do bem” numa altura em que se escondia a sua face positiva, expondo apenas o que tinham de mau, e cita fragmentos do poema “Os jesuítas” para corroborar o seu parecer. Apontando as passagens em que o poeta expôs o dissídio entre os ameríndios e os jesuítas, chama a atenção dos leitores para o martírio sofrido por aqueles religiosos.

Repetindo, finalmente, a fórmula dos ensaios sobre Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, o crítico português não isenta de defeitos a

Escola de Serafim José Alves.

³¹ É provável que os tenha lido na seguinte publicação: *Vozes d’África – Navio negreiro. Tragédia no mar* Rio de Janeiro, Tipografia da Escola de Serafim José Alves, 1880.

³² Jornalista e poeta amigo de Castro Alves, Luís Ferreira Maciel Pinheiro (João Pessoa, 1839 – Recife, 1889) se alistou como voluntário na Guerra do Paraguai.

³³ Pedro Ivo Veloso da Silveira (Olinda, 1811 – Alto Mar, 1852) foi um militar e revolucionário brasileiro conhecido por liderar a Revolução Praieira.

poesia de Castro Alves, mas desculpa as suas falhas afirmando que a correção absoluta é uma característica dos medíocres. Censurando-lhe a inspiração torrencial, a espontaneidade da escrita e a falta de paciência que o impediam de corrigir, limar seus versos, considera que o poeta baiano não apreciava o alexandrino e, por isso, às vezes errava na sua construção, mas não apresentou provas do que disse. Em contrapartida, entende que ele tinha predileção pelos decassílabos que “saíam-lhe formosíssimos” (NALLB, 1882, p. XIX-XX). Ao criticar as suas “rimas descuidadas”, o crítico não terá percebido que, ao rimar luz/azuis, brilho/família, nós/heróis, certamente o fazia para valorizar a pronúncia popular brasileira. Vendo, por sua vez, “falta de harmonia” na repetição da vogal “a” de três decassílabos extraídos de dois poemas cujos nomes não indica, não tem em conta que tal assonância poderia constituir um dos seus méritos.

Reiterando observações anteriores, cabe assinalar que da comparação entre o “elogio biográfico” de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves ressalta que António Xavier Rodrigues Cordeiro visava acima de tudo celebrar os três mais prestigiados poetas do Romantismo brasileiro e não lhes resumir a biografia. A seleção de dados sobre a vida de cada um foi embasada na concepção romântica do poeta como gênio martirizado e precocemente falecido e está sustentada em ampla e variada citação dos seus escritos. Em conformidade com o exposto por Margarida Vieira Mendes, António Xavier Rodrigues Cordeiro situa-se entre aqueles que preservaram, no Portugal da segunda metade do século dezenove, “a convicção profunda [...] de que a poesia era essencialmente a expressão de um destino, de uma alma, de um coração ou de uma subjectividade privada e sincera” (MENDES, 1980, p. 71). Como muitos de seus contemporâneos e predecessores, ele produziu uma crítica biografista, subjetiva e impressionista e delineou um perfil romântico altamente elogioso dos três poetas brasileiros. Assim sendo, não se afastou de José Maria da Costa e Silva que, nos dez volumes do seu *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*, editados entre 1850 e 1856, produziu uma crítica essencialmente biografista. Não divergiu também de Oliveira Martins, renomado crítico da Geração de 70, que via na poesia de Antero de Quental “a expressão da sua biografia também interior e intelectual”, considerando outrossim que os seus “sonetos teriam um substracto narrativo autobiográfico” (MARTINS apud MENDES, 1980, p. 73).

A análise dos três “elogios biográficos” permite ainda concluir que eles se sobrelevam às manifestações mais frequentes da crítica jornalística praticada na imprensa portuguesa e brasileira do século XIX e até mesmo no *Almanaque de Lembranças*. Mais próximos da crítica das belezas típica do Romantismo, os seus artigos se afastam da dogmática crítica neoclássica, mas não abandonam a feição judicativa, tão constante e poderosa na crítica que

quase se confunde com sua própria natureza. Assim sendo, o crítico português secundariza os defeitos das obras que comentou, mostrando-se, em contrapartida, muito atento às suas invenções, bem como à impressão e à emoção que despertam no leitor. Acreditando na sinceridade dos três poetas brasileiros, procura revelar o singular gênio de cada um, através de comentários biográficos e psicológicos.

Em consonância com João Palma-Ferreira, convém lembrar que Rodrigues Cordeiro, tal como outros eruditos e críticos do século XIX, hoje praticamente desconhecidos, contribuiu com elementos de investigação e de análise literária para o conhecimento atual das literaturas de Portugal e do Brasil. Como muito bem apontou o mesmo estudioso, não se deve esquecer que, na segunda metade do século XIX, perdurava a tendência biografista³⁴ que caracteriza os artigos de Cordeiro, malgrado o cientificismo que começava a marcar a crítica literária.

Os seus artigos, cujo posicionamento nas páginas iniciais do *Novo Almanaque* não é de somenos, constituem um marco relevante na divulgação da obra de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves, dado que o anuário atingia vasto público quer em Portugal e nas suas Colônias, quer no Brasil e noutros espaços onde circulava. No mesmo sentido, o seu juízo altamente favorável terá desempenhado papel importante na recepção dos três poetas brasileiros.

Convém, finalmente, ter presente que o conjunto de “elogios” da seção de abertura do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* ainda carece de estudo que possibilite o conhecimento aprofundado da sua natureza e das suas relações com as demais formas de crítica praticadas na época em Portugal e no Brasil, bem como permita compreender sua função e importância no interior próprio almanaque.

FONTES:

CORDEIRO, António Xavier Rodrigues. “António Gonçalves Dias”. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1873*. Lisboa: Lallemand Frères Typ, 1872. p. 5-15.

CORDEIRO, António Xavier Rodrigues. “Manuel António Álvares d’Azevedo”. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1878*. Lisboa, Lallemand Frères Typ, 1877. p. 3-18.

³⁴ João Palma-Ferreira (1985) cita, entre muitos outros trabalhos que revelam uma preocupação biografista o monumental *Dicionário bibliográfico português* (1858-1923), de Inocêncio Francisco da Silva e Brito Aranha, e *Homens e letras* (1881), de Cândido de Figueiredo.

CORDEIRO, António Xavier Rodrigues. “António de Castro Alves”. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1882*. Lisboa: Lallemand Frères Typ, 1881. p. VII-XXII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Castro. *Obra Completa*. Edição comemorativa do sesquicentenário. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ANDRADE, Mário. Amor e medo. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, s/d. p. 199-229.

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. *Obras*. Precedidas do juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de S. S. 4a. ed. inteiramente refundida e aumentada, ornada de retrato. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: E. Belhatte, 1873. 3 v.

CARDOSO, Nuno Catarino. Hermes Fontes. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1932*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931. p. 5-10.

CASTILHO, Alexandre Magno de. Prólogo. *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1856*. Lisboa: Typographia Universal, 1855. p. 25-27.

CHAVES, Vania Pinheiro. Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo: dois perfis românticos em destaque no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*. In: SANTOS, Gilda. *O Real em revista: impressos luso-brasileiros oitocentistas*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2015. p. 87-103.

CORDEIRO, António Xavier Rodrigues. *Novo Almanach de Lembranças para 1872*. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1872*. Lisboa: Lallemand Frères Typ, 1871. p. 14.

DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar Ltda, 1959.

MENDES, Margarida Vieira. O conceito de poesia na segunda metade do século XIX à luz dos prefácios de então – persistência do Romantismo. In: LEPECKI, Maria Lúcia; PIRES, Lucília Gonçalves; MENDES, Margarida Vieira. *Para uma história das ideias literárias em Portugal*. Lisboa:

INIC/CLEPUL, 1980. p. 61-94.

NORBERTO, Joaquim. Notícia sobre o autor e suas obras. In: AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. *Obras*. 4a. ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier; Paris: E. Belhatte, 1873. v. 1.

PALMA-FERREIRA, João. *Literatura portuguesa*. História e crítica. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v. 1.

PEIXOTO, Afrânio. Vida efêmera e ardente de Castro Alves. *Castro Alves, o poeta e o poema*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.

PEIXOTO, Afrânio. Raimundo Correia. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1913*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1912. p. 5-32.

Redação (A). Oliveira Martins – Pinheiro Chagas. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1896*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira, 1895. p. 5-18.

SILVA, José Maria da Costa e. *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*. Lisboa: Imprensa Silviana, 1850-1856. 5 v.

Recebido em: 13 set. 2023

Aprovado em: 31 out. 2023